

A Ausência de Crítica Objetiva na Chanchada de Paródia: Estudo de Caso - O Homem do Sputnik, de Carlos Manga

Thalita Cruz Bastos, Universidade Federal de Juiz de Fora
Nilson Assunção Alvarenga Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo: Ao estudarmos o cinema brasileiro é indispensável que o consideremos levando em conta as influências do cinema estrangeiro, em especial o cinema norte-americano. Portanto, quando nos deparamos com as chanchadas e a sua forma de produção muito semelhante a esse cinema, devemos refletir sobre os motivos que levaram a esse tipo de produção, e como seria se fossem combinados entretenimento e reflexão num formato que atraía grande parte do público nas décadas 40 e, especialmente, 50 no Brasil.

Palavras Chave: Cinema Brasileiro; Chanchada; Paródia

Introdução

A história do cinema brasileiro é entremeada por altos e baixos, os chamados ciclos de produção cinematográfica, que estão intimamente relacionados, primeiro, com as condições de produção nacional de cada época e, segundo, com a influência incisiva do cinema estrangeiro, principalmente o norte-americano. Nesse contexto, os cineastas e produtores brasileiros sempre buscaram atrair o interesse do público através da criação de um cinema nacional característico e diferenciado, ressaltando os elementos do nosso país. Entretanto, esse esforço era, na maior parte das vezes, suplantado pelo grande número de produções norte-americanas que invadiam, e ainda invadem, as salas de cinema. Dessa forma, o cinema brasileiro quase nunca conseguiu se equiparar ao norte-americano em termos de público.

Considerada em alguns momentos apenas como uma cópia de baixa qualidade do cinema americano, a chanchada é uma fase da produção cinematográfica brasileira que conseguiu atrair o maior número de pessoas para as salas de cinema. Talvez pelo seu formato extremamente semelhante ao cinema norte americano da época, ou por apresentar personagens de caráter popular, gerando uma identificação com o público. Enfim, o fato é que as chanchadas tiveram um papel diferencial no cinema nacional.

Influência norte-americana

A questão está em refletir acerca de como o cinema estrangeiro, em especial o norte-americano, influencia culturalmente na produção cinematográfica do Brasil. Precisamos destacar que, por exemplo, com as chanchadas, houve uma junção dos paradigmas característicos da cultura norte-americana com os elementos da cultura brasileira. Podemos abordar essa junção a partir do conceito de *hibridação cultural*, tal como definido por Nestor-Garcia Canclini em seu livro *Culturas Híbridas*.

Esses movimentos de hibridação, de acordo com Canclini, são recorrentes na América Latina, de uma forma geral, e, portanto, podem ser reconhecidos como o principal meio de se articular a identidade cultural de uma sociedade ao longo de sua história. Partindo dessa premissa, podemos dizer que, a partir do momento em que entendemos a arte como a forma de expressão cultural de uma sociedade, ou seja, um reflexo de como essa sociedade enxerga a si mesma e as outras, e que o cinema, em especial, tem a capacidade de retratar essas formas culturais através da imagem e do som, ele pode ser, ao mesmo tempo, uma estratégia para uma determinada sociedade difundir suas idéias, como também uma forma de reafirmar seus paradigmas culturais e propor novos.

Toda essa articulação, porém, está relacionada a quem possui o *discurso da verdade*, isto é, quem tem o poder de controlar dos meios de comunicação que irão disseminar as informações.

Embora os perfis nacionais mantenham seu lugar em algumas áreas do consumo, sobretudo nos campos em que cada sociedade dispõe de ofertas próprias de produtos, este não é o caso do cinema, porque os filmes norte-americanos ocupam grande parte das bilheterias em todo o mundo. Ao domínio da produção e da distribuição, acrescenta-se hoje a apropriação transnacional dos circuitos de exibição, com a qual se consagra para um longo futuro a capacidade de marginalizar o que resta das cinematografias européias, asiáticas e latino-americanas. (CANCLINI, 2003, p.36)

No contexto de influência massiva do cinema americano, já vigente nos anos 30, 40 e, especialmente, 50, desenvolveu-se a chanchada, como um formato que atraía o grande público, fazendo uso de temas brasileiros, porém com um padrão estético inserido no molde de produção norte-americano. Este é o caso dos musicais da Atlântida, adaptação tupiniquim do musical americano, só que em ritmo de Carnaval.

Ainda nesse período expandiu-se, porém, uma forma de produção que realizava críticas sociais mais leves: as chanchadas de paródia, que, através da sátira, tratavam dos temas do cinema de gênero americano, dando-lhe, no entanto, uma inflexão local bem-humorada. Dentre as produções desse período, podemos destacar *O Homem do Sputnik*, filme de Carlos Manga, com Oscarito de Zezé Macedo nos papéis principais.

Quanto ao uso da paródia como procedimento no cinema, vale inicialmente lembrar que as chanchadas podem ser consideradas como “a primeira experiência brasileira de longa duração na produção cinematográfica voltada para o mercado com um esquema indústria auto-sustentável” (LEÃO, 2006, p. 1). Sendo assim, apesar de tentarem imitar o modelo hollywoodiano de produção, graças à sua boa comunicação com o público as chanchadas conseguiam se sustentar valendo-se de elementos tipicamente brasileiros, chegando a tematizar alguns dos problemas sociais e políticos da época.

Paródia

Para compreendermos melhor o papel das chanchadas que buscavam na sátira uma forma de atrair o público, é importante analisarmos o significado do vocábulo paródia.

A paródia, segundo a definição dada por Linda Hutcheon, é “uma forma sofisticada de expressão” na medida em que exige daqueles que a fazem e de seus intérpretes um mínimo de conhecimento e informação.

Ela tem a função de separar e contrastar elementos, exigindo uma distância irônica e crítica para que haja a completa compreensão da mensagem a ser transmitida. Neste sentido, a paródia se assemelha à metáfora. Ambas exigem que o decodificador construa um segundo sentido através de interferências acerca de afirmações superficiais e complemente o primeiro plano como o conhecimento e reconhecimento de um contexto de fundo. (HUTCHEON, 1989, p. 50)

É importante ressaltar que essa auto-reflexividade da paródia pode ser vista como uma forma de “chamar a atenção para o convencionalismo” (HUTCHEON, 1989, p. 52) com o qual sempre se definiu as produções artísticas. De acordo com Northrop Frye, teórico da paródia que sofreu grande influência dos formalistas russos, “a paródia é um sinal de que certas modas no tratamento das convenções estão a ficar desgastadas”

(Apud HUTCHEON, p. 52-3), ou seja, ela surge quando é necessária uma reestruturação na forma de desenvolvimento artístico. Embora discordando na idéia de uma evolução das formas artísticas, Linda Hutcheon assume de Frye a idéia de que a paródia requer um envelhecimento das formas vigentes para se estruturar.

Ao entrarmos no aspecto de reestruturação artística, não podemos nos esquecer que, para poder questionar, a paródia necessita, no entanto, repetir os modelos em voga. Fazendo menção à idéia de Gilles Deleuze de repetição, Hutcheon acrescenta que “a paródia é, pois, repetição, mas repetição que inclui diferença; é imitação com distância crítica, cuja ironia pode beneficiar e prejudicar ao mesmo tempo.” (HUTCHEON, 1989, p. 54)

A partir desse momento é fundamental, em primeiro lugar, conseguir diferenciar a paródia de outras formas de “transcontextualização” irônica, como o *pastiche*, o burlesco, a farsa, o plágio, a citação e a alusão, para, a seguir, analisarmos as implicações da paródia nas chanchadas e, em especial, no filme *O Homem do Sputnik*.

A diferença entre a paródia e o *pastiche* está no fato de a paródia procurar “a diferenciação no seu relacionamento com o seu modelo; o *pastiche* opera mais por semelhança e correspondência.” (HUTCHEON, 1989, p. 55). Já a distinção entre a paródia e o plágio é necessária de ser ressaltada devido ao fato de ambas serem utilizadas como sinônimos, além da questão da intenção ter um grande peso. No caso da paródia, “imitar com ironia crítica” (HUTCHEON, 1989, p.57), ou no caso do plágio, “imitar com intenção de enganar” (Apud HUTCHEON, 1989, p. 57).

Ao tratarmos da confusão da paródia com o burlesco e a farsa, devemos levar em consideração também a questão da intenção, em especial, a intenção do ridículo, pois tanto um quanto o outro envolvem necessariamente o ridículo, a paródia não. De acordo com Linda Hutcheon, a diferença de intenção serve também para “distinguir a paródia da citação” (HUTCHEON, 1989, p. 58). Na verdade,

a repetição “transcontextualizada” é sem dúvida uma característica da paródia, mas a distanciamento crítico que define a paródia não está necessariamente implícita na idéia de citação: referir-se a um texto como a paródia não é o mesmo que referir-se a ele como paródia não é o mesmo que referir-se a ele como citação, ainda que a paródia tenha sido esvaziada de qualquer característica definidora que sugira o ridículo. (HUTCHEON, 1989, p. 59)

Finalmente, a alusão, que é um recurso utilizado para a ativação simultânea de dois textos, porém essa relação se estabelece através de correspondência, e não da diferença, como é no caso da paródia.

Estudo de Caso – O Homem do Sputnik

A principal empresa produtora de filmes deste gênero era a *Atlântida Empresa Cinematográfica do Brasil*, que começou a produzir no início dos anos 1940. Podemos dizer que os temas mais freqüentes nas produções eram “notícias de jornais e as atividades de políticos e pessoas famosas da época, ou são as paródias de filmes de Hollywood e temas políticos”. (LEÃO, 2006, p.1)

Neste sentido, o filme *O Homem do Sputnik* pode ser considerado como baseado em notícia de jornal, e que se utiliza da paródia para entreter o público e para produzir uma crítica mais leve da situação mundial no final da década de 1960. Entretanto, é nesse aspecto específico das *chanchadas de paródia* que observamos como a ausência de um aprofundamento maior na temática escolhida prejudica uma possível reflexão no âmbito social para o espectador. A crítica apresentada é tão discreta que apenas aqueles possuidores de um conhecimento maior da situação global e de uma visão mais apurada, isto é, não o grande público com o qual se comunicava tão bem as chanchadas, conseguem captar e compreender as críticas presentes em uma produção como essa.

Analisando o filme de Carlos Manga de forma mais específica, consegue-se depreender, primeiro, o uso de personagens-tipo, ou seja, estereótipos de indivíduos que compõem a sociedade: um personagem principal representando o brasileiro típico, pobre e malandro; um dos jornalistas que vêm cobrir a descoberta do Sputnik, representando a classe desses trabalhadores como espertos e sem escrúpulos; a caracterização do mocinho como o mais inteligente e o mais capaz de auxiliar o personagem principal em seus problemas.

Além disso, a caracterização caricatural dos russos comunistas como falsos moralistas, pelo fato de ao mesmo tempo que exigem da população de seu país uma produção útil e igualitária, não se privam de provar dos atrativos do capitalismo. A cena em questão refere-se ao momento em que os russos decidem vir ao Brasil para pegar o Sputnik e vão comemorar a decisão com uma “leitura”, quando um deles abre um compartimento secreto embutido na estante de livros, no qual continha uma garrafa de Coca-Cola.

Apresenta os franceses estabelecendo uma ironia com o fato de a representação cinematográfica nessa nacionalidade estar sempre associada com o sentimento e ao amor. Ironia essa que atinge o seu ápice com a personagem parodiada de Brigitte Bardot, que passa grande parte da história falando comprimindo os lábios e imitando os trejeitos da atriz hollywoodiana.

Na caracterização dos americanos, o filme ilustra sua auto- imagem como nação civilizatória e o poder que exerciam sobre o Brasil e o mundo através da ampla distribuição da Coca-Cola, inclusive pela imitação dos sotaques tanto russo, quanto francês e norte-americano. Ironização da necessidade de se possuir o Sputnik para reafirmar o poder e supremacia perante os comunistas.

Enfim, são muito freqüentes as referências à Guerra Fria e seus reflexos nas relações internacionais, e como a busca incansável em sobrepujar os pólos políticos e econômicos concorrentes, representados pelos Estados Unidos e URSS, com a Europa entre eles, faziam parte das metas das potências da época. Inserido entre essa disputa por poder está o Brasil, representado na figura do pobre, sem instrução e malandro personagem de Oscarito.

Tais aspectos vêm ressaltar que a chanchada cumpria, até um certo ponto, com o seu papel de caracterizar os elementos culturais do Brasil, colocando em destaque os problemas daquela época, porém sem nunca fugir do modelo de produção do cinema norte-americano. Na verdade, a chanchada realizava um cinema com uma produção tecnicamente inferior àquela feita em Hollywood, fazendo o uso dos mesmos temas, ou seja, filmes de gênero, e com isso atraindo o público brasileiro para as salas de cinema, pois era nesse momento que estes conseguiam purgar seus problemas diários de desigualdade social, desemprego e controle político ideológico.

É importante destacar que essa baixa qualidade na produção cinematográfica brasileira era vista muitas vezes como um reflexo da situação política e econômica do país na época, ou seja, o estágio de subdesenvolvimento.

Não existem culturas subdesenvolvidas; o que existe sim são técnicas subdesenvolvidas, impermeáveis ao aprimoramento por culpa de um progresso defasado e lento. As nossas chanchadas eram tecnicamente subdesenvolvidas porque a nossa indústria cinematográfica, ao contrário de nossa atual indústria televisiva, não encontrou as condições necessárias para expandir-se e aperfeiçoar-se em todos os seus escalões. (AUGUSTO, 1989, p. 149)

As chanchadas eram compostas por contínuas alusões ao cinema norte-americano, porém sem nunca conseguirem alcançar o nível técnico deste. Sendo assim, a paródia na chanchada, vista como uma tentativa de inverter e ridicularizar o formato hollywoodiano, na verdade, primeiro, buscava realizar essa inversão através de uma cópia de baixa qualidade, e segundo, se restringia a temas triviais, ou, quando este era mais complexo, não era aproveitado de uma forma que propiciasse reflexão. Segundo Sérgio Augusto “vai daí que nem ao fazer troça com os americanos as chanchadas deixam de reconhecer, tacitamente, a superioridade do cinema hollywoodiano.” (AUGUSTO, 1989, p. 151)

Portanto, a paródia era muitas vezes utilizada nas chanchadas como um recurso de entretenimento imediato, e como tal, realizado de forma superficial, sem se aprofundar nos temas que eram recorrentes na época e que, certamente, demandavam um discurso mais elaborado. Essa nova forma de discurso teria a função de conscientizar o público espectador da chanchada quanto a importância de se inteirar das mudanças e situações críticas que freqüentemente dominavam o país.

Conclusão

Entretanto, a crítica apresentada, independente do seu nível de complexidade, é feita de maneira muito leve, deixando, a compreensão dos elementos parodizados restrita àqueles possuidores de conhecimento e nível intelectual tanto cultural quanto social mais apurado.

No caso específico de *O Homem do Sputnik*, do diretor Carlos Manga, no decorrer da narrativa são apresentadas e questionadas várias situações que estavam em pauta na época de produção e lançamento do filme, porém estes não eram aproveitados de uma forma mais elaborada, ou seja, tirando a crítica das entrelinhas e colocando-a também em foco, junto com o entretenimento, tão importante em produções como esta.

O resultado seria uma produção que atendesse tanto a necessidade do público em relaxar e se divertir depois de uma longa jornada de trabalho, como também produziria na mente desse público uma reflexão *a posteriori*, possibilitando o desenvolvimento de um questionamento dos padrões colocados como socialmente corretos. É por essa falta de produção reflexiva na chanchada que os críticos também a classificavam como elemento de uma política ditatorial, tendo a função de distrair a atenção da população para os verdadeiros problemas.

Em *O Homem do Sputnik* poderiam ter sido mais bem desenvolvidos os elementos referentes às questões da Guerra Fria, às situações de impasses enfrentadas tanto pelos países líderes de cada um dos blocos político-econômicos quanto pelas situações enfrentadas por aqueles países que possuíam um papel relativamente secundário nessa disputa por poder, como é o caso do Brasil. De igual importância, as disputas econômicas, representadas pelo Sputnik e as suas vantagens econômicas, que afetavam a economia mundial.

O mais curioso é que apesar de nessa produção as críticas serem bastante sutis, deixando a desejar no aspecto reflexivo, este filme de Carlos Manga é considerado pelos especialistas como o melhor filme produzido pela Atlântica, por “fazer uma contundente crítica ao imperialismo norte-americano” (PERCHIZZA, 2006, p. 1).

Segundo Sérgio Augusto, *O Homem do Sputnik* promove críticas “à morosidade de nossas repartições públicas, à futilidade da alta burguesia, à cupidez das grandes potências, aos absurdos da Guerra Fria, aos concursos de miss (...)” (AUGUSTO, 1989, p. 144). E finaliza dizendo que “a última chanchada da Atlântica digna de nota (...) foi, portanto, um exercício de esquizofrenia: uma sátira ao poder americano, usando armas de sedução e manipulação da comédia clássica americana” (AUGUSTO, 1989, p. 144).

Todas essas observações só vêm comprovar como as chanchadas eram carentes em críticas objetivas que realmente colocassem em evidência os questionamentos, as insatisfações, enfim, a realidade brasileira, sem as maquiagens típicas do cinema hollywoodiano. Seria, com toda a certeza, um grande desafio para o cinema nacional se propor a produzir algo que não se restringisse apenas a entreter. Tal produção, sendo contínua, desenvolveria no público o interesse por filmes que também levassem a uma reflexão mais aprofundada sobre algum assunto, despertaria o interesse em entender e resolver os seus próprios problemas.

Isso seria, na verdade, uma proposta consciente de se fazer cinema, buscando sempre conciliar entretenimento e informação reflexiva. Se uma postura como esta houvesse sido adotada pelos diretores e produtores das chanchadas, certamente haveria uma repercussão positiva, atraindo cada vez mais pessoas para as salas de cinema, não apenas para purgar suas dores e frustrações diárias, mas para também levá-las à reflexão da sua realidade e, finalmente, começarem a questionar alguns padrões implantados.

Referências Bibliográficas

- AUGUSTO, Sérgio. *Esse Mundo é um Pandeiro*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989
- CANCLINI, Nestor-Garcia. *Culturas Híbridas – Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. São Paulo: Edusp. 2003.
- HUTCHEON, Linda. *Uma Teoria da Paródia*. Lisboa: Edições 70, s/d.
- LEÃO, Beto. *Chanchada – A Primeira Ligação entre o Cinema Brasileiro e o seu Público*. Disponível em < http://pec.utopia.com.br/tiki-read_article.php?articleId=329> Acessado em 16 de maio de 2006.
- MANGA, Carlos. *O Homem do Sputnik*. Brasil, 1959.
- PESCHIZZA, Dr. *Assim era a Atlântida*. Disponível em <<http://www.tribunaribeirao.com.br/memoriol?materia=VHLFvmTkkjTinfv>> Acessado em 16 de maio de 2006.
- SIMONARD, Pedro. *Origens do Cinema Novo: A Cultura Política dos anos 50 até 1964*. Disponível em < http://www.achegas.net/numero/nove/pedro_simonard_09.htm>. Acessado em 16 de maio de 2006.
- ROCHA, Glauber. *Revisão Crítica do Cinema Brasileiro*. São Paulo: Cosac e Naif, 2003.